

## GRUPOS JUDAICOS NA ORIGEM DO CRISTIANISMO: FARISEUS, SADUCEUS E ESSÊNIOS

**Manoel Ferreira de Miranda Neto**, Padre Religioso da Congregação Nossa Senhora de Sion, Possui mestrado em Teologia Dogmática com concentração em Bíblia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Graduado em Filosofia - Faculdades Associadas Ipiranga e em teologia - Institut Catholique de Paris. É membro do Conselho Científico da Revista Científica Cadernos de Sion e membro do Conselho Editorial e Consultivo da Coleção de Livros Judaísmo e Cristianismo.\*

**Silvano Alves dos Santos**, Padre religioso do Instituto Missionário São José. Bacharel em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Teologia pela Faculdade Denhoniana (Instituto do Sagrado Coração de Jesus). Cursou Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia, Sagradas Escrituras como alma da Teologia Judaico Cristã no Centro Cristão de Estudos Judaicos. Atualmente trabalha na Paróquia Nossa Senhora da Livração, assessor do setor juventude da região Santana.\*\*

### RESUMO

Este artigo de caráter científico tem como objetivo fazer uma apresentação bíblica e literária que contemple o papel dos Grupos Judaicos na origem do Cristianismo: Fariseus, Saduceus e Essênios. Nesta abordagem, veremos o papel e a importância da ação e atuação dos Fariseus e Saduceus com suas crenças, costumes e influência que esses tiveram tanto na vida do povo, quanto na história de Israel. Se de um lado temos o grupo dos Fariseus, totalmente preocupado em viver a consagração e religião e o cumprimento da Torá, visto como homens separados e ligados à vivência da santidade. Por outro lado, teremos os Saduceus, visto como classe sacerdotal dominante que visam a todo momento o status e o poder, tornando uma estrutura social e restrita advogando-os como classe predominantemente reformistas ao dos fariseus. Em paralelo a estes grupos, temos os Essênios, visto pelos historiadores como os piedosos que refutam mais tarde, o posicionamento de ambos os grupos (Fariseus e Saduceus) e vão para o deserto viverem isolados. Organizam-se e vivem em comunidade monástica, colocando em prática suas crenças e costumes dentro de um parâmetro que valorize seu carisma e estilo de vida. Essa realidade, influenciará também o cristianismo primitivo, assemelhando de forma peculiar, a forma de viver, atuar e se organizarem como comunidade que visa à vida comum de quem tem o livre propósito de viver a sua vocação de forma estritamente específica, como descreve os estudos da Comunidade de Qunrâm, totalmente despojada sem nenhum interesse de ter mérito humano, mas sim, o divino.

**Palavras-chave:** Sagradas Escrituras. Fariseus. Saduceus. Essênios. Cristianismo.

### ABSTRACT

This scientific article aims to make a biblical and literary presentation which contemplates the role of the Jewish Groups in the origin of Christianity: Pharisees, Sadducees, and Essenes. In this approach, we will see the role and the importance of the action and performance of the Pharisees and Sadducees with their beliefs and customs and the influence that both had in the life of the people and in the history of Israel. If on one side there are the Pharisees, totally concerned in living the consecration and religion and the fulfilment of the Torah, seen as men separated and linked to the experience of holiness, on the other hand, we have the Sadducees, seen as the dominant priestly class who seek status and power status at all times, making a social and restricted structure advocating them as the dominant class. predominantly reformist to the Pharisees. In parallel to these groups, there are the Essenes, who has been seen by historians as the pious who refute later on, the position of both groups (Pharisees and Sadducees) and go to the desert to live isolated, organise themselves and create a monastic community, putting into practice their beliefs and customs within a parameter that values their charisma

\* E-mail: manaelmiranda@hotmail.com

\*\* E-mail: silvanospalves@gmail.com

and lifestyle. This reality will also influence primitive Christianity, resembling in a peculiar way, to the way of living, acting and organizing themselves as a community, which aims at the common life of those who have the free purpose of living out their vocation in a strictly specific way, as described in the studies of the Community of Qunrâm, totally stripped without any interest of having human merit, but the divine's.

**Keywords:** Holy Scriptures. Christianity. Pharisees. Sadducees. Essenes.

### **Considerações Iniciais**

Mergulhar nas Sagradas Escrituras é sempre desafiador e ao mesmo tempo fascinante diante da descoberta e do percurso que precisa ser trilhado nos âmbitos cultural, político, econômico, social ou espiritual. Com o intuito de conhecer a origem de um grupo ou de um povo específico este viés de estudo, com foco multifacetado, faz-se necessário para legitimar a essência da pesquisa de caráter bibliográfico que todo pesquisador deseja abordar. Com o objetivo de verificar o que está por trás das narrativas literárias e bíblicas que enfatizam de forma contundente a contribuição dos grupos judaicos Fariseus, Saduceus e Essênios, na origem do cristianismo, faremos uso dessa perspectiva heterogênea.

Ao iniciar este artigo de caráter científico, quer-se apresentar as razões e motivações que levam a tratar deste tema. No Centro Cristão de Estudos Judaicos, entre tantos temas bíblicos abordados, especificamente na disciplina Contexto Judaico da Literatura Neotestamentária, conceitos a respeito da vida, origem, contexto político, econômico, social e religioso de alguns povos têm grande expressividade, já que apresenta esses grupos que tiveram representatividade não só na vida, mas também na história do povo de Israel.

Desta forma, recorda-se a todo tempo um povo, ou um grupo que não apenas passou e ficou despercebido na história, pelo contrário, colaboraram de maneira ampla e específica, externando seu carisma e estilo de vida, dando um contributo especial na história de Israel e deixando um legado visível na vida de um povo já solidificado com sua tradição bíblica e histórica.

Sob esta ótica, se faz necessário um mergulho neste universo, justamente para recordar que “um povo sem memória, é um povo sem história”. A história dá a oportunidade não só de julgar os acontecimentos e fatos, mas de conhecer com clareza esses grupos que foram destaques para Israel e para todos que desejam um aprofundamento em dinâmicas múltiplas buscando sua origem e visando à sua contribuição, seja na forma direta ou indireta dentro de Israel.

É pensando neste caminho, que se recorre ao aporte teórico constituído pelos comentadores Burrows(1956), Shubert (1979), Louse (2004), Stegemann; Stegemann (2004), Tamousauskas (2020), Haddad (2022) e Ramos (2022), por possuírem uma forte linha de estudos dos historiadores Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio, facilitadores na pesquisa, traçada dentro de uma ótica diferenciada e não deturpada diante de algumas informações infundadas que veem à tona a respeito destes grupos judaicos no tempo de Jesus. A proposta

não é confundir, mas apresentar o quão importante foi nessa época, a origem desses grupos com suas crenças e culturas que encantavam não somente com seu carisma, mas também com seu estilo de vida. Estilo este, diferente do povo de Israel que já trazia em seu histórico uma tradição plena e solidificada, tanto na tradição oral, quanto na escrita – eixo central que revela a sua magnitude – marca que transborda a identidade própria de um povo designado, eleito por Deus. Essa realidade é que a tradição judaica faz questão de afirmar não só a Israel, mas ao mundo hodierno que de certa forma, beneficiaram-se com esse patrimônio comum. Embora hoje permaneçam divergências específicas, assim como no passado, há também a luta para um caminho conjunto, unindo propósitos e valores irrevogáveis a um povo e a uma nação.

### **Grupos judaicos na origem do cristianismo: Fariseu, Saduceus e Essênios**

#### **a) Fariseus**

Estudar os fatos e acontecimentos na Sagradas Escrituras, sempre dá a possibilidade de diagnosticar não só a narrativa bíblica e literária, de uma interpretação hermenêutica que o autor quer comunicar, mas também faz-se situar e pensar no contexto espiritual, que vai além do histórico, social, político e econômico de um povo. Identificado como “eleitos” e escolhidos por Deus, suas crenças e costumes mostram a realidade específica em que estão localizados.

Todavia, para compreendê-los, faz-se necessário ter uma ótica profunda, específica e crítica que vise olhar não só sua origem, mas toda sua trajetória histórica. Estudar os grupos judaicos na origem do cristianismo: Fariseus, Saduceus e Essênios não é uma tarefa fácil, é na verdade, um dado didático literário difícil que requer um embasamento teórico da raiz da cultura judaica, já que esses estão dentro deste contexto específico, ligando inteiramente a religião e a tradição.

Nas Sagradas Escrituras, encontra-se alguns textos bíblicos que possibilitam apresentar e diagnosticar quem são, e o que fazem dentro de uma estrutura social, política e espiritual, como é o caso dos Fariseus e Saduceus. Nos textos dos evangelhos (Segundo Testamento), aludem diversas vezes à narrativa bíblica que legitima a ação e interação dos fariseus e saduceus na história de Israel, descrevendo-os todos os pormenores daqueles que eram de um lado popular com o povo (fariseus) e do lado, da classe aristocrata sacerdotal predominantemente dominante, a iniciar pelos saduceus (cf. Mt 9,9-13-17; Mc 2,13-17; Lc 5, 27-32; 18,9-14). Esta apresentação de uma estrutura de linguagem bíblica remonta o que se deseja pesquisar, tanto em relação a história dos Fariseus, quanto dos Saduceus. Veja-se algumas passagens bíblicas relevantes: Os saduceus admitiam que apenas a lei, os cinco livros de Moisés, impunham obrigações válidas aos judeus. Os fariseus aceitavam também a tradição oral dos anciãos (Cf. Mt 15,2; Mc 7,5); João Batista chamou os Saduceus de raça de víboras (Cf. Mt 3,7-10; Lc 3,7-9). Nos evangelhos, os fariseus vigiam Jesus muito de perto

para encontrar uma falta nele (Cf. Jo 4,1); tentam armar-lhe laços para apanhá-lo numa resposta errada (Cf. Mt 22, 15; Mc 12,13; Lc 20, 20ss) e propõem questões acerca da interpretação da lei (Cf. Mt 22,34) e sobre argumentos da fé judaica: a vinda do reino (Cf. Lc 17,20), o Messias (Cf. Mt 22,41). Eles investigam a missão de João Batista (Cf. Jo 1,24), escandalizam com a conduta de Jesus: sua ligação com publicanos e pecadores (Cf. Mt 9, 9-13; Mc 2,13-17; Lc 5, 27-32; 7,36; 15,2), sua negligência na observância de sábado (Cf. Mt 12,2ss; Lc 6,2ss), suas curas no sábado (Cf. Lc 14, 1-3), sua negligência para abluções rituais (Cf. Mt 15,1ss), objetam a reivindicação do poder de Jesus para perdoar pecados (Cf. Lc 5,17ss), atribuem os exorcismos de Jesus a uma ligação com Belzebu (Cf. Mt 12,24), protestam quando Jesus é saudado triunfalmente por seus discípulos (Cf. Lc 19, 39), João enfatiza a sua hostilidade (Cf. 8,13; 12,19.42) e sua incredulidade (Cf. 7,45-48; 9,13-16). Conspiram contra a vida de Jesus (Cf. Mt 12,14; Mc 3,6), apenas João coloca-os no grupo do aprisionamento (Cf. 8,3). Em Mt 27, 62, a hostilidade deles para com Jesus se estende até o túmulo. Lucas chama-os de avarentos e que frustram o plano de Deus (Cf. 16,14;7,30).

Com essa apresentação dos textos bíblicos, é possível a partir de agora reportar a origem desses dois grupos judaicos: Fariseus e Saduceus, que despontam na literatura bíblica especificamente nos Evangelhos ao contar diversos episódios da vida de Jesus em que Ele tem contato direto com os membros de diferentes grupos que existiam na sociedade judaica do século I na terra de Israel como consequência de diversas interpretações sobre as fontes e o modo de viver a religião de Israel. Essa particularidade, pode ser observada, no decorrer deste artigo, a começar pelo grupo dos Fariseus. E quem são esses homens e qual é a sua origem?

A origem do nome Fariseu conforme Mackenzie (1984) e Ramos (2019), está no latim pharisaeus, que por sua vez deriva do grego antigo φαρισαῖος, assentado no hebraico פרושים prushim - separar. Esta palavra vem da raiz parash - Mishiná que basicamente quer dizer "separar", "afastar". Assim, o nome prushim ou perushim é normalmente interpretado, da forma que cita Haddad (2022, p. 57) como "aqueles que se separaram" dos demais da população comum para se consagrar ao estudo da Torá e das suas tradições. Seu modo de vida, é conhecido na observância rígida, não apenas da Lei escrita, mas da tradição oral. Para eles, essa Lei oral, que segundo diziam havia sido preservada pelos homens importantes da sinagoga, (tradição atribuída até Esdras), e antes dele pelos profetas, anciãos, Josué e, finalmente, remontando até Moisés, precisava ser observada com rigor, e assim faziam, honrando-a até mais do que a Lei escrita.

De imediato, a impressão que se tem é que há até um certo excesso no que se refere à sua observância às Leis, mas o que se pode ver, é o cuidado e o zelo que estes tinham e por isso, a doutrina, era o ápice da vida religiosa, pois estes consideravam a soberania de Deus

nos decretos divinos, tendo-o como princípio a responsabilidade moral do homem, a imortalidade da alma, a existência dos espíritos e a ressurreição do corpo. Para exemplificar essa temática em relação à ressurreição, esse tema aparece na literatura bíblica do Primeiro Testamento, em Is 26,19 e Dn 12,2 até o Segundo Testamento apresentando uma fundamentação bíblica que está em Mc 2,1-3,6; Mt 23, 1-36.

Um fator importante, é que eles também, criam na doutrina da retribuição e aplicam de forma pontual os bônus e ônus de cada eleito, em que castigos e recompensas estavam reservados para a vida futura de acordo com a vida presente, ou seja, haveria castigo para os maus e a recompensa para os bons. Para compreender essa complexidade a este respeito da 'doutrina da contribuição', justificando a recompensa dos bons e maus, faz-se necessário entender o sentido real da palavra "ressurreição", que aliás, tal nomenclatura ocupa um lugar especial no livro dos Macabeus.

Como se vê, para ter evidência deste fato a este respeito explícito da palavra 'ressurreição, é preciso recorrer de forma imediata a narrativa bíblica-literária em 2Mc 7, 22-40 que descreve a história dos sete irmãos mártires, que pela fidelidade à tradição todos no interrogatório ceifaram vossas vidas argumentando-os: "Nós morremos por suas leis" (Cf. 2Mc 7,9). Isso mostra que, em nenhum momento há o arrependimento em viver e testemunhar a observância da lei, pelo contrário, mostra plena convicção de quem deposita a sua vida nas mãos do Senhor, deixando explícito que por consequência de um ato nobre, Ele (Senhor) ressuscitará para uma vida eterna.

Lenhardt (2020, p. 64-65), ratifica essa questão e mostra que a "ressurreição não é uma recompensa, é uma consequência de abandono a Deus, de um engajamento na vida com Deus, na fé e na esperança". O melhor caminho a ser trilhado, não resta dúvida, era a observância das leis e dos mandamentos. Um bom judeu praticante, sabe a eficácia dessa observância. Esses não eram homens desinformados, tinham consciência dos seus direitos e deveres e com isso, deveriam agir, fosse por temor ou por amor a Deus.

Como se observa, essa aplicação da doutrina da retribuição era um caminho eficaz à tradição judaica farisaica de manter a ordem e a disciplina e seguir à risca a observância dos mandamentos. Já que em sua concepção, o fato de Deus ter concedido a Torá escrita, deulhes também a Torá oral (transmissão de geração em geração) estas se complementam e não se opunham, pois constituem a mesma realidade como um ato único da Revelação como elucida Ramos (2022, p. 03).

Com todas as exigências cabíveis, estes homens piedosos, não eram apenas um grupo farisaico composto na sua grande maioria, por elites, e sim por cidadãos comuns, como por exemplo: artesãos, carpinteiros, comerciantes e entre outros, abordados por Ramos; Matos (2019, p. 79), que tinham o dever moral seguir dentro da sua própria tradição a observância

correta da Torá.

O mais belo de se ver, é o esforço, a dedicação e o olhar vigilante que os fariseus tinham com a tradição oral e escrita recebida de Deus, e isso fazia deles não os melhores, mas zelosos, pois não era uma ‘simples’ lei a ser aplicada, ou um rito a ser executado, é muito mais do que imaginávamos, era na verdade, a vida de um estilo e um carisma de um grupo que optou em se dedicar ao máximo ao culto divino, mantendo total dedicação aos serviços prestados ao povo e cultivando uma relação harmoniosa com a comunidade, já que estes homens populares, eram acessíveis à população.

Além disso, eles também enfatizam ao máximo a importância do dízimo e a observância das leis sabáticas. Eles eram tão rígidos com relação a guarda do sábado que alguns afirmavam que se uma pessoa estivesse com a garganta irritada num sábado, ela poderia engolir vinagre, mas não fazer gargarejo, pois isto caracterizaria como um tipo de trabalho. Essas características mostram como era o dia a dia dos fariseus, tendo uma personalidade, ou seja, uma identidade própria que o classificavam como ‘aqueles que foram separados’ à santidade, cultivando a lei da pureza ritual e praticando o culto, segundo os preceitos dos mais antigos.

A prática ao culto religioso, é na verdade, o ápice – eixo central do grupo farisaico, mostrando a todo Israel, que sua incansável busca no estudo da Torá, seja ela oral e escrita, chamado de midrash, é na verdade uma busca amorosa do Senhor com uma única finalidade segundo Ramos (2019, p. 81): colocar em prática seus ensinamentos, aplicando-o no seu dia a dia. Deste modo, se a intenção era a prática dos ensinamentos, levando o povo a um nível de aprofundamento espiritual elevado pelo estudo da Torá, certamente, esse grupo farisaico jamais teria a intenção pela conquista de expansões territoriais, mas sim de manter a tradição com maestria, colocando-a na vida e no coração do povo o que é primordial: “Deus como o centro de tudo” e que estes na sua função como membros guardiões da Torá, dedicariam intensamente por esta nobre causa: estudar, ler, interpretar e aplicar no cotidiano da vida.

Se por um lado, havia os fariseus tão empenhados nesta missão, por outro lado, havia uma realidade totalmente oposta na vida dos saduceus. Estes, provindos de uma classe aristocrata sacerdotal, divergindo em vários pontos no que se refere à tradição dos fariseus, deixavam em evidência sua rivalidade, já que estes possuíam uma preocupação exclusiva: conquistar privilégios, status e poder.

Provavelmente, essa postura corrobora o conflito ou rivalidade de vez, de uma forma evidente, a partir do momento em que ambos, agem de acordo com os seus próprios interesses. A essa questão Ramos (2022), vê justamente a gravidade do conflito, quando os saduceus substituem o bem-estar religioso, e vão em busca de conquistas de sede territoriais, visando à obsessão do poder, status e domínio. A discordância dos fariseus, neste caso

particular, torna-se plausível, justamente por perceber que não é a soberania política o eixo central, mas o exercício do culto religioso ligado estritamente à tradição e à religião, como elucida o autor:

O grupo dos fariseus acreditava que as práticas religiosas eram incomparavelmente mais importantes do que a sede de conquistas territoriais, ou mesmo, do que a busca da soberania política. Segundo eles, era preciso promover o bem-estar religioso o qual estava sendo substituído pela busca de poder. Provavelmente essa postura adotada pelos fariseus, de reprovação ao grupo de saduceus, tenha sido o responsável pelo início de uma interna rivalidade entre o grupo de fariseu e os responsáveis do Templo, os saduceus. (RAMOS, 2022, p. 01)

Dado esta constatação, da rivalidade entre um grupo e outro, pode-se constatar que os fariseus eram persistentes em seu propósito. Sua atuação e interação no ofício religioso era uma forma de manter viva a tradição que esses piedosos herdaram por excelência e para não colocar em risco este tesouro espiritual, esforçavam-se, tentando não cair no desagravo do pecado pela não observância e o cuidado correto à Lei que permeavam toda suas vidas. Esses homens eram convictos de sua eleição, 'separação' e deste modo, não se envolviam no ascetismo, já que julgavam ser importante o ensino à população das Escrituras e das tradições dos pais.

Quanto à origem mais provável dos perushim é que tenham surgido do grupo religioso judaico chamado hassidim (os piedosos), que apoiaram a revolta dos Macabeus (168-142 a.C.)<sup>1</sup> contra Antíoco IV Epifânio, rei do Império Selêucida, que incentivou a eliminação de toda cultura não-grega através da assimilação forçada e da proibição de qualquer fé particular. Uma parte da aristocracia da época e dos círculos dos sacerdotes apoiaram as intenções de Antíoco, mas o povo em geral, abaixo da liderança de Yehudah Makkabi (Judas Macabeu) e sua família, revoltou-se.

Os judeus conseguiram vencer os exércitos helênicos e estabelecer um reino judaico independente na região entre 142-63 a.C., quando então foram dominados pelos romanos. Durante este período de 142-63 a.C., a família dos Macabeus estabeleceu-se no poder e iniciou uma nova dinastia real e sacerdotal, dominando tanto o poder secular como o religioso. Isto provocou uma série de crises e divisões dentro da sociedade israelita da época, visto que pelas suas origens os Macabeus (também conhecidos pelo nome de família como Asmoneus)

<sup>1</sup> Macabeus, é expressão que pode ser traduzida por 'martelos', foram os integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de partes de Israel - na época um Estado pertencente ao Império Selêucida. Segundo os estudiosos, os Macabeus fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou de 164 a 63 a.C. É belo, quando faz a pesquisa a este respeito porque nota-se que estes vistos como rebeldes, foram que reimpuseram a religião judaica, expandiram as fronteiras de Israel e reduziram no país a influência da cultura helenística. O mentor deste movimento mais era conhecido como Judas Macabeu, assim apelidado devido à sua força e determinação. Os Macabeus durante anos lideraram o movimento que levou à independência da Judeia, e que reconsagrou o Templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência, os hasmoneus deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 37 a.C.

não eram da linhagem de Davi, não podendo assim ocupar o trono de Israel, e também não eram da linhagem sacerdotal arãoica.

Foi nesta época que alguns grupos apareceram dentro da sociedade judaica, começando a estabelecer um certo tipo de divisão de posturas, normalmente com relação à política, à religião e com a vida em geral. Tais atitudes sempre estavam relacionadas com a maneira de pensar e de se encaixar na sociedade da época.

Conforme Dias (2020, p. 69), dentre esses grupos destacam-se os Saduceus. E quem são? Qual era a sua atuação e sua influência no território de Israel?

## **b) Saduceus**

Tudo indica que a origem do seu nome vem dos Seduquim, (palavra tsadik, que quer dizer justiça). Para Louse (2004, p. 66), o significado do nome da seita vem de Zadoc (Tsadoc), sumo sacerdote da época dos reinados de Davi e Salomão. Na verdade, esse grupo surge em 135 a.C, como um grupo constituído, sendo descendentes dos hassidim. Vieram da tribo de Levi, tornando-se elitizado da alta linhagem da aristocracia sacerdotal, contendo visibilidade, participação e interação no Sinédrio.

Com a destruição do Templo (70 d.C) esse grupo desaparece justamente pelo simples fato de não terem como exercer suas obrigações tanto religiosa, quanto política, já que era um grupo fascinado pela detenção do status e do poder, conhecido por muitos em Israel como classe dominante, homens cultos, ricos de alto padrão social. Sua ocupação estava muito mais ligada à política, colocando o Estado acima da religião, tendo uma concepção diferente do grupo dos fariseus.

Desta forma, o grupo dos Saduceus surgiu como um movimento contrário aos fariseus em uma linhagem sacerdotal provinda da aristocracia que monopolizava a riqueza, estavam convictos que para o bem do povo estes necessitavam atuar, como elucida Maiosonneuve (2019, p. 26), de uma forma favorável ao poder político local, já que além de pertencer a uma posição conservadora frente a predominantemente reformista dos fariseus, eram para Stegemann; Stegemann (2004, p. 184-185) uma classe dominante e representante de uma forma concreta da elite, com uma organização própria de grupo, somente pelo fato de referir-se a indivíduos membros de família de classe superior do alto sacerdócio com um estrutura mais restrita (p. 181).

Como vimos, os saduceus era um grupo conservador, cujo membros ocupavam altos cargos sacerdotais e faziam parte de famílias influentes de Jerusalém. Interpretavam a Lei ao pé da letra e reconheciam apenas o Pentateuco como Escritura com autoridade suprema. Para eles, a Lei escrita por Moisés era superior aos escritos dos profetas e as demais obras. Seu respaldo não era a oralidade, mas somente o que estava escrito no

Pentateuco. O maior embate que se constata entre os saduceus e fariseus é que além de negar a tradição oral, eles não acreditavam na ressurreição. Diferentemente dos fariseus, rejeitavam terminantemente as tradições orais. E qual a importância da tradição oral? Sua importância remete ao fato de ser usado para denotar as leis e estatutos que, além do Pentateuco, Deus deu oralmente a Moisés outras leis e máximas, bem como explicações verbais da lei escrita, ordenando-lhe que não registrasse esses ensinamentos, mas que os entregasse ao povo de boca em boca, ou seja uma transmissão que perpassassem de geração em geração.

Sob essa perspectiva da transmissão da Torá oral e escrita, Ramos; Matos (2019, p. 78) descrevem que esta foi transmitida em duas fontes: escrita e oral em uma linguagem hebraica em que se diz ser *Torot* o plural de *Torá*. É assim que uma antiga tradição, chamada de tratado dos pais, ensina sobre a transmissão dessas duas tradições.

Deste modo, pode-se dizer que o eixo central da doutrina dos saduceus era marcado por uma ênfase humanista. Isto, obviamente, afetava sua visão acerca do próprio Deus e suas obras. Eles negavam a providência divina, e rejeitavam qualquer ensino acerca dos decretos de Deus. Os saduceus acreditavam que Deus nunca interferia na história de modo a afetar a vida dos homens.

Sob essa ótica, os saduceus também acreditavam que o homem tinha total livre arbítrio, e que tudo o que acontecia, bem ou mal, era resultante do próprio curso da ação e autodeterminação humana. Ao contrário dos fariseus, os saduceus negavam a imortalidade da alma, não acreditavam em anjos ou demônios, nem na ressurreição dos mortos, em recompensa ou castigo, nem no juízo final e nem na vinda de um Messias.

Para contextualizar a história deste grupo específico, faz-se necessário descrever estes elementos contundentes da visão dos saduceus. O historiador Ramos (2022, p. 01), ilumina esta abordagem, salientando que esse grupo além de adotarem uma filosofia grega, sendo a favor do helenismo, eram a favor de João Hircano (135-104a.C). E quem é esta figura tão ilustre presente na vida dos saduceus? É aquele que subiu ao trono com a finalidade de unificar as duas instituições para a tradição judaica (Templo e sinagoga), mas não foi adiante este projeto inicial das duas instituições, devido à postura e o conflito dos grupos (fariseus e saduceus) que não buscaram em nenhum momento a unificação, e sim seus próprios interesses.

O objetivo de João Hircano era obter avanços pela unificação dos poderes tanto político, quanto religioso, ou seja, unificar a figura do rei e do sacerdote (RAMOS, p. 02). O que a história tem a nos dizer é que não foi a unidade o motor móvel, mas a rivalidade que ambos os grupos que se tornou prioridade, abortando de vez o projeto inicial de João Hircano e buscando seus próprios caminhos conhecidos que a história faz questão de narrar como um

marco histórico e trágico.

Feito este preâmbulo, situado na história, não era segredo para o povo de Israel que sua forte rivalidade era nítida e que os saduceus faziam questão de manter com os fariseus, justificada de forma visível pela posição religiosa e política que ocupavam e pelo apreço do poder e do status que detinham na época conforme esclarece Stegemann:

Sua rivalidade com os fariseus por influência política, como descrita por Josefo, e a divergência com fariseus na consideração de questões religiosas indicam que os saduceus devem ser vistos, como um grupo antifarisaico. A sua desviância constitui, portanto, (...) uma decorrência de sua reação aos fariseus e à influência destes sobre as classes dominantes. (STEGEMANN, 2004, p. 184)

Embora esse grupo vivesse a sua desviância aos demais grupos, causando resistência, visto como classe dominante, ou superior do alto sacerdócio, os saduceus eram um movimento que cuidava do Templo e do culto divino, mesmo com toda as suas particularidades, sua atuação era ativa, principalmente nas finanças do Templo, uma das maiores fontes de poder na terra de Israel. Sem contar, que os saduceus eram adeptos da classe dominante helenizada como cita Hoornaert (1991, p. 35-36). Com um nível de pessoa culta elevada, falavam grego, e seguiam a cultura de Alexandria, Antioquia e Roma. Pode ser que com todo esse histórico, o seu desafeto ou rixa em relação aos fariseus era justamente pela influência que estes (saduceus) tinham sobre as classes dominantes e convívio direto com as elites.

Na verdade, os saduceus, além de serem um partido político-religioso de pessoas elitizadas e altamente situadas, também mantinham uma ação conciliadora no século I com referência aos romanos e objetivavam “evitar conflitos que geravam violência entre o ocupante e as massas populares” Mainville (2002, p. 51). Entretanto, envolvidos com a grande revolta em 66 d.C, desapareceram da história com o Templo no ano 70 d.C: “Depois de 70, o estabelecimento de uma ordem judaica, sem Estado e sem Templo, à base de princípios e de regras de vida elaboradas há muito tempo pelos fariseus, consagrou seu desaparecimento” Mainville (2002, p.51-52). Em contrapartida, neste período há neste grupo judaico da origem do cristianismo, também os Essênios. Quem são e o que sabemos a respeito desses homens? O que historiadores têm a revelar a respeito deste grupo monástico?

### **c) Essênios**

A nomenclatura “Essênio” vem do aramaico ch’asajja e do hebraico hassidim, que significa “os piedosos”. Um dos historiadores, Filon de Alexandria, designava esse piedosos como curadores de almas Ramos (2022, p. 03). Segundo, Schubert, o fundador da comunidade essênica de Qumrã, foi um sacerdote, conhecido pelos membros como “Mestre de Justiça” e era considerado pelos seus adeptos como o profeta do fim dos tempos Schubert

(1979, p.145-146). Estes, formavam um movimento judaico independentes, cujos membros viviam retirados Louse (2004, p. 77-80), em lugares conhecidos nos dias de hoje como monastério, seguindo uma regra de vida específica e acreditando de forma particular no seu “Ser Supremo”. Descontentes, com a forma como os fariseus e saduceus vivam e atuavam no templo, visto mais como ação humana e não divina. Os essênios repudiavam a forma de culto praticada no templo de Jerusalém porque consideravam degradante e por isso, acreditavam, diante da realidade que viviam, que o melhor a ser feito era se retirar para o deserto para praticar a oração e a penitência. Consideravam-se se um movimento como o verdadeiro Israel que continuou fiel à Torá e aos profetas Hoornaert (1991, p. 41-43).

Seu modo de vida, segundo Ramos (2022), era de um grupo determinado, que por opção de pertencer como ‘verdadeiro povo de Deus’, resolveram viver em comunidade monástica totalmente isolada, seguindo seus princípios e estilo de vida, e sua instalação foi de uma vez por todas em Qumran. Esta decisão de seguirem este estilo próprio, revela como viveram e se organizaram em comunidade:

Viviam em comunidade isoladas, em busca de santidade, sem contato com externo para não se tornar impuros, eram celibatários, casavam-se somente para dar continuidade ao grupo, não aceitavam o divórcio. Praticavam rituais de purificação, com banhos. A comida era Kascher, preparada pelo sacerdote, tendo refeições comunitária. Tinham uma hierarquia religiosa. Havia o Mestre de Justiça, o sacerdote e o levita. Viviam de trabalhos manuais e do mel e tâmaras. O intendente era o responsável das questões administrativas e econômicas. Assíduos ao estudo da Lei e faziam transcrições. São as primeiras comunidades a se estabelecerem em Qumran. Em Qumran encontraram pergaminhos e papiros contendo os textos Bíblicos (exceto o Lv, Ester), Textos apócrifos - Lv dos Jubileus e Lv Enoc. (RAMOS, 2022, p. 03)

Todavia, o que se vê no seu modo de ser e de agir, mostra uma postura que o movimento já vivenciava com os membros e que agora é demonstrado aos demais candidatos, de forma visível, em relação à prática de outros movimentos. Propunham a partir de então, viver na sua eficácia a santidade. Esta peculiaridade era o percurso que almejavam para romper de vez e livrar-se da contaminação de quem tinha, a seu ver, pervertido a pureza da religião. Seu propósito, com isto, era restaurar e resgatar a santidade do povo eleito a partir do âmbito da sua própria comunidade, renunciando ao contato com o restante da sociedade – inclusive e principalmente com o templo e com o culto oficial de Jerusalém. A comunidade dos essênios se considerava um templo imaterial, substituindo provisoriamente o templo físico de Jerusalém até que ele fosse purificado dos cultos indignos que, segundo os essênios, eram lá realizados.

Sob essa temática, é belo de ver o estilo e a cultura que se foi construindo ao longo do tempo na vida deste movimento judeu independente – classificado como “os essênios” (grupo de ascetas). Essa notoriedade é legitimada nos assim chamados Manuscritos do Mar Morto, um conjunto de documentos em papiro e pergaminho encontrados na região de Qumran, onde

a comunidade dos essênios tinha se estabelecido. E não só isso, retirados para o deserto, os documentos encontrados mostram o método que essa comunidade interpretava as Escrituras de forma própria.

Segundo Leandro (2008), esse grupo utilizava uma linguagem própria, uma espécie de código ou um dialeto a respeito do teor às instruções da natureza desse movimento, em conformidade com a regra e conduta da comunidade, já que tinham como meta, estabelecer uma comunidade pura, tornando-os conhecidos como verdadeiro povo de Israel. É por isso, que no seu manual de disciplina apresentava uma linguagem específica, pois tinha como finalidade:

Tentar explicar a natureza de uma seita, através de sua regra de conduta da comunidade, poderá fornecer-nos pistas sobre o seu modo de pensar e agir, contudo não deixa de ser uma parcela de história maior. Os documentos encontrados, mostram por exemplo, que esta comunidade interpretava as Escrituras de uma forma própria; utilizava uma linguagem de cariz simbólico, recorrendo-se das alegorias, metáforas e usando epítetos particulares para se referirem a si próprios ou aos outros (exemplo: os Kittim como referência aos Romanos); recorria também a um estilo literário de cariz escatológico com preocupações moralizantes, em que abundam as metáforas e os epítetos de conteúdo antagónico (Filhos da Luz versus Filhos das Trevas) que podem apontar para uma determinada predestinação. Todos esses elementos são relevantes quando queremos comentar acerca das suas regras em comunidade, até porque o Manual não parece ser um código homogêneo. Os escribas da seita reuniram nesse manual, não só as regras de iniciação à seita, punições por infrações, estrutura hierárquica da comunidade e rituais como também, surge de permeio, um texto sobre a dualidade da natureza humana e hinos de ação de graças. (LEANDRO, 2008, p. 01)

Tudo que se refere à organização, bem como as regras da comunidade, encontram-se no Documento de Damasco e no Manual de Disciplina, pois esses dois documentos têm muitos elementos em comum, muito embora as diferenças que os separam bastam para demonstrar que não provêm exatamente do mesmo grupo. Sem dúvida, representam ramos distintos de um mesmo movimento ou etapas diferentes da sua história, se não uma coisa e outra, simultaneamente. Segundo Burrows (1956), este manual da comunidade quumrânica seguia normas de vida que guardava com toda rigidez que estavam expressas nos documentos, de modo especial a regra da Comunidade.

É importante constatar, que provavelmente as regras da comunidade teriam sido transmitidas oralmente durante alguma parcela de tempo, não tendo surgido a necessidade de as transcrever – ou por não se verificarem grandes infrações ao estipulado, ou pelo fato de a comunidade ter começado por ser muito pequena. Quase sempre a necessidade de legislar provém da prevaricação à regra estabelecida. O que parece não deixar espaço para dúvidas – nomeadamente a nível de estudo arqueológico – é que a comunidade seria bem anterior à redação dos códigos. Sob esta ótica, M. Burrows afirma: “...a seita se encontrava já organizada na altura em que foi redigido o Manual de Disciplina (...) as regras da comunidade,

tais como se encontram reunidas neste documento, demonstram já que uma tradição importante se desenvolvera” (BURROWS, 1956, p. 241).

Com essa organização, os essênios eram tão zelosos em seus afazeres e levavam a rigor tudo que faziam, tanto que a entrada dos candidatos na comunidade aparentemente estaria aberta a qualquer indivíduo oriundo de Israel que aderisse à Lei de Moisés, (mesmo sendo prosélito) não obstante uma avaliação e exame a sua aptidão para a disciplina.

A estrutura dessa comunidade era tão precisa que quando o candidato era aprovado pela assembleia, logo após a cerimônia de admissão estava sujeito a um juramento solene e obrigatório, na presença de todos, comprometendo-se a seguir todos os preceitos e revelações e a separar-se dos caminhos perversos e iníquos. Caso, o candidato caísse na tentação de quebrar a ordem interna, pela desobediência às regras da comunidade, este era duramente punido. As penalidades iam desde 10 dias de punição – com simples exclusão de rituais da vida comum – até a expulsão definitiva da comunidade.

Isso demonstra, a ordem, o zelo para com as regras da comunidade, visto que os crimes mais graves eram a transgressão de qualquer ponto da Lei mosaica, o uso do nome de Deus, a calúnia contra a comunidade e a obstinação continuada de alguém no erro, mesmo após muitos anos de vida comunitária.

Depois da cerimônia, o indivíduo não se tornava membro de imediato. Tinha um período de noviciado de dois anos em que era avaliado duas vezes (anualmente); não podia tomar refeições em conjunto com a comunidade; deveria observar uma estrita disciplina e respeito pelos outros membros – nomeadamente os que lhe eram hierarquicamente superiores. Só ao fim dos dois anos de noviciado seria admitido na comunidade – se fosse avaliado nesse sentido.

É bom ressaltar que essa questão da admissão na vida dos essênios neste processo não era tão fácil como alguns imaginavam. O que se pode constatar é que não era só o despojamento de sua riqueza, mas um escrutínio rigoroso a cada candidato que almejassem realizar um período de experiência na comunidade. É quase que dizer aos candidatos que teriam que viver a partir de então somente com o que produzissem na comunidade dos essênios. Na análise de Flávio Josefo, essa regra era muito bem organizada, relatando que existia uma lei interna que estabelecia que todos que desejassem ingressar na comunidade deveriam doar todas as suas propriedades como patrimônio comum da sociedade. No relato de Fílon de Alexandria informa: “Um número muito grande de pessoas corria para lá, proveniente e inocência, e acontece que se uma pessoa for culpada dos mais leves delitos, embora procure obter sua admissão oferecendo uma fortuna tão grande como nunca se viu, ela já estava excluída por decreto divino” (TAMOSKAS, 2020, p. 05).

Uma vez que o candidato aceito na comunidade, passava por um período de testes de

um ano durante o qual deveria se adaptar às regras e costumes da sociedade. Depois desse período o candidato participava de um batismo cerimonial para então ser testado por mais dois anos, aos quais poderiam se ajuntar à mesa comum das refeições e participar da mesa comunal. Antes da refeição o candidato realizava publicamente um juramento que incluía uma série de obrigações, que Flávio Josefo apresenta na seguinte ordem:

- Temer a Deus.
- Exercer a justiça para todos os homens.
- Não causar dano a qualquer pessoa voluntariamente ou mando de outrem.
- Detestar o mal e estar ao lado dos corretos.
- Manter sempre uma fé inviolável em todos os homens, especialmente no que tem autoridade.
- Não ter orgulho do seu poder, nem sobressair sobre seus subordinados ao atingir cargo de liderança.
- Amar sempre a verdade, se esforçar para corrigir todos os mentirosos.
- Manter as mãos limpas do roubo.
- Manter a mente limpa do ganho que não seja santo.
- Não ocultar coisa alguma da irmandade.
- Não revelar os segredos a quem é de fora, ainda que corra risco de morte.
- Não transmitir a doutrina diferente que recebeu.
- Preservar os escritos da sociedade e o nome dos anjos (TAMOSASKAS, 2020, p. 06).

Com esse juramento, o candidato passava a ser vinculado à irmandade. Isso, deixa evidente, o quanto a comunidade dos essênios era rigorosa na sua seleção referente aos candidatos que desejavam fazer parte desta irmandade com seu carisma e estilo de vida. Essa dedicação e interação não eram em vão, afinal a regra de vida, buscava potencializar em seus candidatos um propósito único e exclusivo, que é pertencerem, a uma comunidade da nova aliança, permanecendo ao projeto inicial que é ser fiel a Deus e caminhando ao seu encontro de todo o coração, fazendo o que é bom e certo conforme a lei dada por Deus por intermédio de Moisés, seus servos e profetas, idealizando uma comunidade por excelência, como uma nova e eterna aliança estabelecida ao ‘Ser Supremo’ – Deus.

Essa riqueza imensurável que os historiadores descrevem do movimento, logo foi sendo avistada por outro grupo; os Romanos que ao longo do tempo foi gradativamente perseguida, sendo rotulada como ‘comunidade dos profetas do apocalipse’. Essa é totalmente destruída na primeira Guerra Judaica no ano 68 d.C., pelo exército romano quando ocorreu a exterminação definitiva de Qumran. Com isso, o que se vê é que a Comunidade de Qumram ao ser descoberta no Mar Morto, trouxe ao mundo e ao cristianismo um contributo surreal por meio de seus escritos, pois os registros influenciaram outros grupos que desejavam viver uma vida em comunidade, despojado de uma vida comunal, dedicado ao silêncio, à oração, ao trabalho e ao estudo, vivendo de uma forma muito similar às dos essênios. Esses pontos trouxeram à

tona a vida religiosa, o que já era vivenciado e testemunhado na Comunidade de Qumran.

É tão verdade, que não é só no estilo que influencia, mas na intransigência, que preparam ao juramento aqueles (as) que almejam ser sinal de pertença, dentro de uma regra de vida que os identifica como 'tal', como consagrado a um carisma específico.

Alguns historiadores da antiguidade como Flávio Josefo, Plínio e Fílon de Alexandria tiveram o privilégio de acompanhar de perto esses escritos, detalhando as doutrinas dos essênios Schubert (1979, p. 65) e mostrando a todos não só o que possuíam dentro de um estabelecimento monástico, mas ratificando o fascínio detalhado de como este grupo agia e atuava em seu cotidiano, colocando assim, em sua prática a sua regra que permeavam sua conduta e o seu próprio estilo de vida.

### **Considerações finais**

A história de um povo e uma nação, sempre dará possibilidade de mergulhar nos acontecimentos e fatos, visando contemplar o seu contexto histórico, político, social e espiritual. O leitor que visa a um embasamento histórico confiável, precisa encontrar em seus estudos uma comunicação direta e segura, pois comunicar é uma arte bela e fascinante que se faz presente na vida e na história da humanidade, desde os seus primórdios até os tempos atuais. Isso é a comunicação, um instrumento utilizado para revelar, desvendar situações, fatos e acontecimentos. Por meio desta arte, a humanidade sempre expressou suas necessidades, costumes, crenças, sonhos e idealizações. Todo o seu modo de vida é especial e tem uma história que pode ser individual ou coletiva.

As representações artísticas nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história do povo em cada período. Na descoberta arqueológica específica de um povo, ou um grupo em determinado local e região, os arqueólogos historiadores buscam veracidade dos fatos em suas informações. Neste caso, como reporta-se aos estudos literários a respeito de grupos judaicos na origem do cristianismo, constatamos que esses em sua peculiaridade contribuíram de forma direta e indireta na história de Israel. Para alcançar essa visão, instrumentos adequados de percurso bíblico e literário foram revisitados.

Ao percorrer este itinerário: Grupos Judaicos na origem do Cristianismo: Fariseu, Saduceus e Essênios, afirma-se que o objeto de pesquisa de caráter científico utilizado neste trabalho tem embasamento teórico, metodológico e científico, na busca de uma apreciação que despertasse uma reflexão em torno da ação, atuação e origem desses grupos que de forma direta e indireta contribuíram na história de Israel dentro de um parâmetro que os distinguisse de acordo com a sua forma de conduta, externando assim em seu contexto histórico, cultural, social e religioso seu carisma e estilo de vida.

Essa veracidade tornou-se possível graças ao objeto de estudos bíblicos e literários averiguados. Constata-se, que a presença atuante dos Fariseus, conhecidos como guardiões

da tradição, consagrados à religião, que faziam cumprir a Torá. Estes homens eram piedosos e tinham fortes influências sobre a classe popular - homens comuns nas orientações e condutas - levando a rigor uma vida simples e cultivando uma relação harmoniosa com a comunidade. Já, os Saduceus que pertenciam à casta superior do alto sacerdócio dentro de uma posição social mais restrita, procuravam sempre deter o poder e o status e deixavam em evidência sua rivalidade com os fariseus, além de preservarem somente a Torá escrita – os livros Pentateucos. Os essênios, por excelência, eram diferentes dos Fariseus e Saduceus, vistos como homens piedosos e santos, e por não concordarem com o comportamento de ambos seja na luta, no poder e descendência do sacerdote, retiraram-se para viver isolados, em comunidade monástica.

Os essênios tinham por natureza em seu processo formativo conectar sempre com o divino sendo reconhecido como “verdadeiro Israel” e por isso, seu modo e sua conduta mostra ao mundo que sua comunicação aos demais grupos não era para refutar, mas sim, ratificar o quanto esta comunidade, congregação ou assembleia, conforme salienta Shubert (1979), buscavam assiduamente às concepções sacerdotais cultuais. Com isso, entende-se o cuidado e o zelo em viver seu estilo (p. 63).

Este estilo, após sua descoberta, teve uma influência real no cristianismo primitivo, pois contribuiu para aprimoramento das novas comunidades que foram surgindo, buscando semelhança não só no isolamento, silêncio, vida comum, celibatária, oração, estudo e trabalho, mas acima de tudo, um encontro pessoal com o Transcendente: Deus, esforçando cada candidato eleito a exercitar suas virtudes diante d’Aquele que o chamou, elegeu e escolheu não só a uma vida piedosa, mas separada e santa.

Portanto, o legado e o contributo que estes grupos judaicos deixaram como marco histórico com suas crenças e costumes, em suas respectivas peculiaridades, não deixa dúvidas o quanto esses povos influenciaram não só o Estado de Israel, com sua identidade, magnitude, organização, mas também a nação e o mundo. O percurso destes grupos mostra que a conduta cotidiana é um caminho motivacional e perspicaz aos demais povos, que ao longo do tempo, vão se encontrando em seus propósitos, ideais, seu lugar na sociedade e no mundo em sua essência, com seu carisma e estilo próprio de vida, como esses que buscamos conhecer de forma sensata, os grupos: Fariseus, Saduceus e Essênios.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas, 1985.

BURROWS, M. **Os Documentos do Mar Morto**, ed., Porto, 1956.

HADDAD, P. **Como Jesus lia a Torá: sair do mal-entendido entre Jesus e os fariseus**. 1. ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2022.

HOORNAERT, E. **O Movimento de Jesus**. São Paulo: FTD, 1991.

LEANDRO, A. **Manual de Disciplina dos essênios.** Disponível:

<https://www.rosacruz.pt/revistarosacruz/>.

LENHARDT, P. **À escuta de Israel, na Igreja:** “Porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor” (Isaías 2,3). Tomo I, São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2020.

LOUSE, E. **Contexto e ambiente do novo testamento.** São Paulo: Paulinas, 2004.

MAISONNEUVE, D. **Judaísmo simplesmente:** “A salvação vem dos Judeus” (João 4,22). 1.ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2019.

MAINVILLE, Odete (org.). **Escritos e ambiente do novo testamento.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002

MATOS, M, M, RAMOS, S, M. **Jesus, o Mestre entre os Sábios.** 1.ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2022.

MACKENZIE, L, J. **Dicionário Bíblico.** 1.ed., São Paulo: Paulus, 1984.

SCHUBERT, k. **Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária.** São Paulo: Paulinas, 1979.

STEGEMANN E.; STEGEMANN W. **História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

TAMOUSAUSKAS, T. **O que realmente sabemos sobre os essênios.** Disponível: <https://mortesubita.net/alta-magia/o-que-realmente-sabemos-sobre-os-essenios/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ess%C3%AAnios>.